



SEÇÃO: PRODUÇÃO LIVRE

## Borboleta negra

*Black Butterfly*

**Dayse Rodrigues dos**

**Santos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0795-0239](https://orcid.org/0000-0003-0795-0239)

**Recebido em:** 18/11/2020.

**Aprovado em:** 04/11/2021.

**Publicado em:** 28/12/2021.

Jade e Teodolfo viviam em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul com seus pais. Jade era mais velha uns dois anos e foi esperada pela família, que de tão feliz escolheu um nome de pedra preciosa para a criança. Já Teodolfo veio por descuido e, de tão triste, sua mãe deu-lhe esse nome.

Os dois irmãos brigavam muito entre si, mas a pré-adolescente sempre era protegida e sempre defendida. O garoto se sentia inferior, achava o nome feio, nunca tinha razão...

Um sábado pela manhã, o garoto, que ainda brincava de carrinho, estava sentado no chão da sala com seus brinquedos caros e a garota não brincava mais porque achava que era grande demais para tanto.

– Vem brincar comigo, mana! – disse o menino.

– Nunca! Onde já se viu? Uma adolescente como eu, de 13 anos, brincando com uma criança. – respondeu ela.

Fizeram silêncio. O garoto, em um salto, agarrou a irmã e, então, eles começaram a dar tapas e arranhões um no outro.

– O que está acontecendo aqui? – gritou a mãe ao vê-los.

– Só perguntei se ela queria brincar e ela já me respondeu sem educação... – defendeu-se o menino.

– Mas não precisava vir me bater, TEODOLFO! – implicou a irmã.

A mãe olhando os dois disse:

– Não quero os dois brigando! Eu tenho que trabalhar todos os dias, o pai de vocês trabalha tanto para dar a vocês esse luxo... E quando estamos em casa ficam de briga! O Teodolfo vai para o quarto e Jade vem comigo.

A mãe, ao dar as costas, nem viu a filhinha querida provocar o garoto, fazendo-lhe vir uma lágrima.

Assim eram os dias desta família, os pais sempre trabalhando e os filhos sempre brigando. As crianças estudavam em uma boa escola do centro da cidade e frequentavam os melhores ambientes, brinquedos caros,



<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Santarém, PA, Brasil.

roupas bonitas, calçados de marca, enfim o que muitas crianças gostariam de ter e não podem...

Os problemas sempre eram os mesmos, briga de irmãos. A menina se achava a pérola do mundo, queria morar em um lugar onde todos a venerassem e menosprezava o menino. Ele não queria ter nascido, ciúme da irmã, odiava o nome, queria morar em um lugar onde ninguém risse do seu nome e não se importasse com nada.

## II

Umás semanas depois, eles começaram outra briga, mas estavam sozinhos no apartamento desta vez. Os pais tinham ido trabalhar e só voltariam à noite.

Uma borboleta passou entre eles. Os irmãos olharam-na e sentaram-se para admirar aquele ser tão bonito, pequeno e negro, que conseguiu parar a briga só ao passar. O pequeno inseto pousou na janela e começou a brilhar, brilhar e brilhar. Teodolfo e Jade, embasbacados, olhavam aquele brilho todo. Levantaram-se do sofá e foram até a janela, queriam tocá-la, mas a borboleta então soltou um brilho tão forte que não puderam ver mais nada.

## III

Jade estava caída em um campo. Ao abrir os olhos, ela logo percebeu que não estava em casa, seu irmão não estava lá e não lhe parecia familiar. Em um salto, ela falou para si mesma:

– O que está acontecendo? Teodolfo, cadê você? Que roupas são essas? Quantas saias eu estou usando, e esse pano na cabeça?

Ela não teve muito tempo para pensar, pois logo viu uma carruagem vindo em sua direção em alta velocidade. Os homens dentro dela diziam:

– É ela! É ela! Peguem-na! Não deixem que ela escape!

Assustada, Jade correu loucamente e fugiu para uma mata próxima. Não ouvindo mais sinal da carruagem, a moça saiu à procura de alguém.

– Onde estou? – pensava a garota. – Carruagens? Que ano será esse? Ah, meu Deus!

## IV

Enquanto isso, Teodolfo estava caído em outro lugar. Quando acordou, o menino sentiu um cheiro podre e não viu o céu azul, viu o céu cinza, sem sol, sem nuvem, sem vida... Levantou-se assustado, olhou para os lados e pensou:

– Jade, cadê você? Onde estou? Que monte de lixo é esse? Onde estão as pessoas?

Ele andou à procura de alguém, percebeu que tinham carros estranhos, grandes construções, não tinha vegetação, ou seja, tudo estava muito mudado e ele não reconhecia o lugar.

## V

De tanto andar, Jade encontrou umas casinhas mal construídas, sem pintura, ou muros; um grande castelo com um muro alto e cercado por água com jacarés; uma grande igreja com padres vestidos estranhamente. Entrou na primeira casinha, a mais feia e menor, e logo ouviu:

– Filha, por que demorou tanto? Sabe que mulheres na sua idade não podem andar sozinhas por aí. Se os guardas do rei a vissem, estaríamos perdidas! – disse uma mulher feia, velha e magra de fome.

Jade, sem entender nada, olhou tudo atentamente e perguntou:

– Filha? Não sou sua filha! Nem moro aqui e essas roupas não são minhas.

– Não diga isso perto de seu pai, ou serei jogada aos jacarés! Você mora aqui sim, e essas roupas são suas e são únicas. Sabe que não temos outras, ora! – respondeu a mulher. Agora vá trabalhar com seus irmãos na lavoura do nosso amo.

– Meus irmãos?

– Sim, Zenóbia. Hilário, Saturnino, Zeferino, Zulmira, Anatólio, Desolina, Rute, Maria e Teotônio. O que foi? Não se lembra dos irmãos? Está doida, Zenóbia?

A menina saiu, rindo do seu nome e lembrando que o nome de seu irmão até era bonito perto daqueles e do que ela acabou de receber. Indo em direção ao castelo, ela percebeu que as pessoas a olhavam com espanto, mas continuou

o caminho. Viu novamente a borboleta, mas não se importou. Não tinha como errar, havia só um castelo por ali.

## VI

Jade, ao chegar à lavoura, foi chicoteada até sangrar. Chorando sem parar foi até um grupo (agora seus irmãos) e perguntou:

– Por que me bateram se não fiz nada?

– Zenóbia, você sabe que temos que estar aqui antes que o sol apareça... – disse um deles.

– Bem-feito, assim você aprende a seguir as normas do senhor! – disse uma delas.

– Tu és a vergonha para nossa família! Sempre levando chicotadas dos guardas!

– Enjeitada, não sei por que não fostes jogada aos jacarés quando nasceste...

– Não deveriam falar assim comigo... Somos irmãos! – respondeu Jade chorando, lembrando-se de como tratava o irmão de verdade.

– Vamos voltar ao trabalho, os guardas estão vindo...

Jade chorava e sangrava, sofria naquela lavoura. Nunca havia trabalhado ou apanhado e, quando chorava, era por dengo ou capricho.

## VII

Teodolfo, vendo aquele sinal de destruição, estava cada vez mais preocupado, viu novamente a borboleta, mas continuou a andar, finalmente encontrou um grupo de pessoas com quem foi falar.

– Onde estão os prédios? Os carros? Todo mundo?

– Não sabe, criança? Depois da guerra, poucos sobraram... – respondeu uma senhora velha.

– Não entendo! Que guerra? A última foi antes de 1950!

– Está doido, menino? A última foi em 2050!

– 2050???

– Por que não morremos juntos?

– Porque somos desenvolvidos em laboratório e não morremos infectados.

– Desenvolvidos em laboratório?

– Sim, até houve uma época em que androides eram proibidos... As pessoas nasciam normalmente... Mas agora...

## VIII

– Agora, o quê?

– Só restaram os androides, somos desenvolvidos para resistir às doenças infecciosas, nos alimentamos de ar, somos como brinquedos vivos. O problema é que não podemos ter filhos e não sabemos como se fazem androides. Quando nós morrermos, a espécie humana estará extinta como os animais...

– Não há animais? E plantas? – perguntou Teodolfo surpreso.

– Não! Desmataram tudo para construir, construir e construíram a destruição.

O garoto ficou preocupado com a situação. Lembrou-se dos ecologistas que lutavam pela preservação da natureza, das pessoas que alertavam sobre o futuro da Terra... Nunca imaginou que esse futuro desastroso estivesse tão próximo! Baixou a cabeça e pensou como o mundo ficou acabado, por que havia guerras, por que as pessoas se matavam, destruíam o próprio planeta... Olhou para o horizonte e se lembrou de como eram bonitas as flores do jardim do prédio.

## IX

Jade amargava a vida do passado e Teodolfo a do futuro. A borboleta sempre presente, olhando o que os dois faziam.

A garota estava com sérios problemas, não se acostumava com aquela vida difícil e era sempre maltratada pela família, principalmente pelos irmãos. Tempos depois, seu novo pai já não aguentava mais a filha fraca para o trabalho, além disso, provocava fofocas por andar sozinha. Deu a moça em casamento para um senhor velho, gordo e doente para se ver livre dela.

Teodolfo não aguentava ver a destruição pós-guerra, a solidão e a desesperança. Sua tristeza e saudade da família cada vez aumentavam mais. Tempos se passaram e o garoto nem sequer sorria.

Jade, no dia do seu casamento, e Teodolfo, deitado no chão do deserto urbano, viram a mesma borboleta da última vez, de modo diferente. Os olhos brilharam de esperança e fé. Nunca aquele inseto fora tão lindo... E, no momento em que ela voou, um brilho muito intenso saiu de suas asas de forma que ninguém pôde ver mais nada.

## X

– Teodolfo, acorda, já são horas! – disse a irmã com amor.

– Jade, como é bom ver você novamente! – disse fraternamente o menino.

– Aconteceu uma coisa muita estranha comigo...

– Coincidência, comigo também...

Cada um contou sua história tal qual aconteceu. Fizeram silêncio. Enxergaram a borboleta na janela e sorriram, olharam-se nos olhos e se abraçaram. Um abraço tão forte e demorado, cheio de lágrimas e emoção. Estavam felizes de ver um ao outro e de estarem de volta à casa. Abraçaram-se depois do tempo de sofrimento e perceberam a glória de ter um ao outro.

Seus pais chegaram e se depararam com aquela cena maravilhosa de carinho, olharam-se e foram ao encontro dos filhos, contagiados pela alegria dos meninos.

A borboleta negra voou livre pela janela em direção ao sol.

---

## Dayse Rodrigues dos Santos

Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em Catalão, GO, Brasil. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), em Santarém, PA, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Dayse Rodrigues dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Campus Santarém

Avenida Marechal Castelo Branco, 621

Interventoria, 68020-570

Santarém, PA, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*